

A EJA E A PANDEMIA DE COVID-19 EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PELOTAS

EJA and the Covid-19 pandemic in a Municipal School in Pelotas

Matheus Alves Braun

Licenciando em Artes Visuais (UFPEL)
matheusalvesbraun@hotmail.com

Isadora Rangel

Licencianda em Artes Visuais (UFPEL)
rangelisadora1996@gmail.com

Ana Caren Ferreira Rosa

Licencianda em Artes Visuais (UFPEL)
carenanafr@outlook.com

Caroline Leal Bonilha (Orientadora da Pesquisa)

Doutora em Educação Ambiental (UFPEL)
bonilhacaroline@gmail.com

RESUMO

O presente artigo, A EJA e a pandemia de Covid-19 em uma Escola Municipal de Pelotas, desenvolvido por alunos do curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, bolsistas do PIBID Artes Visuais, pretende refletir sobre o agravamento da situação, já precária, da EJA, ocasionado pela pandemia do Covid-19. Bem como, com base em propostas já existentes para promover uma educação de qualidade para estes discentes, busca argumentar sobre a possibilidade de acontecer mudanças neste período pandêmico, que promovam a integração dos alunos e os motivem a permanecerem na escola e serem ativos em suas atividades escolares. Para atingir os objetivos do artigo, busca-se entender as nuances que complementam este núcleo (EJA), as causas de evasão e a relação entre os alunos e professores. Os autores do artigo compreendem a educação inclusiva como meio para uma educação mais humana e acessível para todos, de uma forma que leva em conta suas diferentes realidades, dificuldades e modos de aprender. Para fundamentar a pesquisa, utilizou-se citações dos seguintes autores: Paulo Freire, Miguel Arroyo, bell hooks, entre outros.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; PIBID; EJA

ABSTRACT

This article, **EJA and the Covid-19 pandemic in a Municipal School in Pelotas**, developed by students of the Visual Arts course at the Federal University of Pelotas, who are members from PIBID Artes Visuais, intends to reflect on the worsening of the already precarious situation of EJA, caused by the Covid-19 pandemic. As well as, based on existing proposals to promote quality education for these students, it seeks to argue about the possibility of changes occurring in this pandemic period, which promote the integration of students and motivate them to stay in school and be active in their educational activities. To achieve the objectives of the article, it is sought to understand the nuances that complement this core (EJA), the motives for dropouts, and the relationship between students and teachers inside the classroom. The article's authors understand inclusive education as a path to a more humane and accessible education for all, in a way that takes into account their different realities, difficulties, and ways of learning. To substantiate this research, citations from the following authors were used: Paulo Freire, Miguel Arroyo, bell hooks, among others.

Keywords: Inclusive education; PIBID; EJA

Introdução:

Este artigo tem como objetivo expor as consequências do período pandêmico de COVID-19, na EJA, em uma escola de Ensino Fundamental do município de Pelotas. Bem como, através da pesquisa sobre este núcleo (EJA), educação inclusiva e a observação das atividades da escola, indicar sugestões para garantir a qualidade da educação que esses alunos merecem.

Assume-se a noção de educação para a EJA que Miguel Arroyo (2017, p. 54) apresenta “(...) como um tempo de educação de trabalhadores.”. Por conseguinte, entende-se que não são estudantes que possuem o trabalho como acidente em suas vidas, e sim, como algo que é, de fato, sua condição de identidade social e política (ARROYO, 2017). Logo, sua educação deve levar em conta que trabalhos são estes, suas vivências e injustiças pelas quais passam, assim como as hierarquias sociais que os levam a completar os estudos tardiamente.

No decorrer da pesquisa foram utilizadas como ferramentas geradoras de discussões, entrevista semiestruturada com uma professora, da escola em questão, da rede municipal de ensino pelotense; sempre buscando compreender as necessidades dos alunos deste núcleo da escola, analisando as dificuldades encontradas neste percurso. O trabalho empreendido justifica-se e fundamenta-se, baseando-se nos escritos de Paulo Freire, Miguel Arroyo, bell hooks e Rosita Edler Carvalho.

Metodologia:

Com a necessidade de compreender a realidade da educação de jovens e adultos (EJA) na Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Alcides de Mendonça Lima, localizada no município de Pelotas, Rio Grande do Sul, durante o período de pandemia de Covid-19, foram desenvolvidas pesquisas sobre a educação com enfoque nas necessidades desses discentes. Direcionando a pesquisa para disciplina de artes, utilizou-se a coleta de dados sobre a escola e observação de atividades dos discentes na plataforma utilizada durante o período de ensino remoto. Realizando uma entrevista semiestruturada, com a professora destes alunos da escola em questão, cujo objetivo foi a discussão da situação do ensino neste período.

Durante a pesquisa, foram realizadas leituras direcionadas à educação como prática libertadora e inclusiva. Também procurou-se entender o que representa a escola para este núcleo de alunos da Educação para Jovens e Adultos (EJA), bem como o que poderia ser feito para

fortalecer o vínculo destes com o ambiente escolar, mesmo que de forma remota, para que lhes fossem propiciadas experiências mais humanizadoras.

A EJA na Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Alcides de Mendonça Lima

A pesquisa, a seguir, foi realizada em uma escola do bairro Fragata, no município de Pelotas. Foi desenvolvida por alunos da Universidade Federal de Pelotas, bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com intuito de investigar a fundo a precarização do ensino ocorrido para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), devido o agravamento da pandemia de Covid-19.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Alcides de Mendonça Lima, conta-se com 639 alunos, sendo 64 estudantes da EJA, compostos pelas etapas cinco, seis, sete e oito, que correspondem respectivamente aos anos finais do Ensino Fundamental. A Educação para Jovens e Adultos funciona da seguinte maneira: cada etapa que corresponde a um ano do ensino fundamental, dura aproximadamente um semestre de cada ano letivo, com os discentes concluindo até duas etapas da EJA anualmente.

Atualmente contando com a Coordenação de Rosani Botelho, quando em modo presencial, a EJA funciona apenas no período vespertino, podendo usufruir de diversas salas especiais existentes na escola, como: biblioteca, sala de apoio, laboratório de ciências e a sala de informática. Em “tempos normais” os alunos da EJA contavam com cinco períodos por dia letivo, com duração de 45 (quarenta e cinco) minutos, sendo dois períodos semanais dedicados às aulas de arte.

Já em modo remoto, as aulas acontecem através da ferramenta de grupos na rede social Facebook, onde alunos e professores interagem através das postagens de suas respectivas disciplinas. As aulas de arte acontecem uma vez por semana, em todas as etapas da EJA, com diversos exercícios práticos e teóricos, utilizando-se de vídeos, textos e aulas expositivas, que no momento, contam também com a participação dos bolsistas e voluntários do PIBID em seu planejamento.

Durante o processo de pesquisa, o grupo realizou uma entrevista semiestruturada com uma professora da escola estudada neste artigo, que preferiu se manter anônima. Também objetivou-se teorizar, com base em uma educação libertadora e inclusiva, quais as melhores maneiras de levar a esses jovens e adultos, o sentimento de pertencimento à escola.

A pandemia de Covid-19 e as consequências da crise educacional sobre a EJA

Percebeu-se uma diferença significativa na quantidade de alunos que cursam as etapas da EJA no modo remoto, dispondo-se de no mínimo 15 vagas para formar uma turma no modo presencial, agora em algumas etapas, possuem-se no momento, apenas seis discentes. Também notou-se o agravamento no distanciamento dos alunos em relação à escola e ao ensino.

Para alunos que não têm acesso a internet, levando em conta a precariedade de recursos disponibilizados pela prefeitura municipal de Pelotas, as aulas são adaptadas para impressão em uma folha no tamanho A4, contendo todo o conteúdo de uma aula. Com impressões apenas em preto e branco, a limitação para o desenvolvimento dos conteúdos é grande. Causando um desgaste na educação desses estudantes. Conforme dito pela professora da EJA entrevistada, “São alunos que precisam de maior auxílio e acompanhamento dos professores [...]”(Professora Anônima, entrevista concedida em Julho de 2021). Diante disso, percebe-se a dupla luta que o professor de ensino público deve enfrentar; conforme dito por Freire:

O combate em favor da dignidade da prática docente é tão parte dela mesma quanto dela faz parte o respeito que o professor deve ter à identidade do educando, à sua pessoa, a seu direito de ser. Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muitos de nós correr o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalistamente cínico que leva ao cruzamento dos braços. “Não há o que fazer” é o discurso acomodado que não podemos aceitar. (Freire, 2019, p.64).

O alerta de Freire, expõe o que vem acontecendo há muitos anos na educação brasileira, agora agravada pela crise sanitária de Covid-19. Vê-se um descaso com os alunos, com os educadores e todos os outros servidores, que fazem o possível para a promoção de uma educação de qualidade.

Durante a entrevista anônima realizada com a professora das turmas da EJA, observou-se que uma das maiores dificuldades em levar assuntos que abrangem a todos os alunos, é a diferença de faixa-etária entre eles. Desta forma instituindo, quase como regra, que o interesse em assuntos opostos seja cotidiano durante as aulas e, como resultado, fazendo com que o aluno não se sinta totalmente envolvido com o que é ensinado. Tornando-se, por conseguinte, um dos maiores desafios para os docentes da EJA. Quando questionada diretamente à respeito desse desafio, ela disse:

A diferença de idade muitas vezes resulta na diferença de interesses, isto dificulta um pouco o planejamento de algumas propostas. Um bom exemplo é o uso das mídias digitais. Muitas vezes, parte da turma gosta e solicita atividades no laboratório de

informática onde podem criar utilizando alguns programas e aplicativos, enquanto, outra parte, apresenta muita resistência a essas práticas. (Professora Anônima, entrevista concedida em Julho de 2021)

Perguntou-se também, sobre o envolvimento dos discentes nas atividades no período antecessor a pandemia de Covid-19 e, como se deu, após os efeitos colaterais do vírus:

Antes da pandemia, na escola em que trabalho, a participação dos alunos era tímida e havia pouco engajamento por parte deles. Os alunos não se mostravam motivados e precisavam de constante chamamento para participação nas aulas e entrega de trabalhos. Durante a pandemia, com as atividades remotas, sendo elas online ou impressas e entregues na escola, a dificuldade em atingir esses alunos aumentou, a participação da EJA foi extremamente comprometida. (Professora Anônima, entrevista concedida em Julho de 2021)

A professora apontou, por meio de seus relatos, para uma direção pertinente em nosso estudo: o comprometimento na participação dos alunos e alunas da EJA. Essa questão influencia diretamente o sentimento de pertencimento à escola e à comunidade, portanto, o distanciamento pode levar ao abandono por parte dos alunos. Afetando inclusive, a busca pela educação, como apontado acima. A demanda por vagas em algumas etapas caiu drasticamente, assim como a participação nas aulas e atividades online disponibilizadas pelo corpo de professores.

Pensando nesse contexto abominoso, perguntou-se se de alguma maneira, existe certo descaso da escola sobre os alunos da EJA. A professora entrevistada negou; não acha que trata-se de descaso, mas afirmou que a Educação para Jovens e Adultos, precisa sim, de mais atenção por parte da Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED) (Professora Anônima, entrevista concedida em Julho de 2021). Quando há descaso por parte das instituições responsáveis, mais a situação precária exige dos professores. Já disse Paulo Freire:

Outro saber que devo trazer comigo e que tem que ver com quase todos os de que tenho falado é o de que não é possível exercer a atividade do magistério como se nada ocorresse conosco. Como impossível seria sairmos na chuva expostos totalmente a ela, sem defesas, e não nos molhar. (FREIRE, 2019, p.94)

Paulo Freire (2019, p.94) disse também que ensinar exige comprometimento; pensando nisso, perguntou-se à professora quais as metodologias utilizadas para tornar a educação mais significativa para os seus alunos da EJA. Sobre isso ela disse:

Procuo utilizar metodologias ativas, com atividades dinâmicas e participação da turma nas decisões. Mas também desenvolvo aulas expositivas, pois, como já falado em questões anteriores, parte do público aceita melhor práticas tradicionais. (Professora Anônima, entrevista concedida em Julho de 2021).

Observou-se que, em suas práticas, a professora está em consonância com a autoatualização que bell hooks (2013, p. 36) menciona em seu livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade”. Sendo o professor ou professora autoatualizado, alguém capaz “[...] de criar práticas pedagógicas que envolvem os alunos [...]” (2013, p.36).

O uso do Facebook como plataforma de ensino e as razões para evasão

Através da ferramenta de grupos na rede social Facebook, conforme anteriormente mencionado, os alunos da Educação para Jovens e Adultos, infelizmente, têm apresentado um baixo número de participações em todas as atividades e proposições realizadas nos grupos desde o início das aulas remotas. Não sendo uma exclusividade da disciplina de artes, a EJA demonstra pouco envolvimento.

Em um comparativo com outras turmas do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental da mesma escola, o grupo está muito abaixo do nível aceitável de participação. A partir desta constatação, interessou ao grupo compreender e analisar o que ocasionou esse distanciamento da vida escolar.

Durante a entrevista, a professora contou-nos que até mesmo com a possibilidade de um encontro síncrono na plataforma Google Meet, os docentes ficam sozinhos à espera com esperança de que em algum momento alunos apareçam na sala virtual (Professora Anônima, entrevista concedida em Julho de 2021).

Conforme anteriormente comentado, no caso da EJA, esse período pandêmico expôs ainda mais a desigualdade social à qual muitos destes alunos são acometidos. Em alguns casos a falta de participação em atividades síncronas e assíncronas se deve à precariedade ou à falta de um provedor de internet. Estão sendo disponibilizados, pela prefeitura municipal de Pelotas, poucos recursos para a diminuição dessas tribulações causadas pela pandemia. Por conta desta situação, o acesso às plataformas torna-se uma tarefa difícil ou impossível em muitos casos.

Sobre as dificuldades de acesso, a professora da EJA disse que alguns dos problemas resultantes são: a “dificuldade ou falta de acesso a internet; dificuldade na comunicação com os alunos em geral, por ser um público que necessita de constante estímulo para continuar na escola.” (Professora Anônima, entrevista concedida em Julho de 2021).

Outro empecilho enfrentado pelos estudantes, apontado pela professora da EJA, são os alunos mais velhos que dependem de seus filhos, ou familiares mais próximos, para lidar com

as tecnologias necessárias para o estudo no modo remoto. Por não terem sempre o auxílio de que precisam, possuem mais dificuldade na realização de atividades que poderiam ser simples.

Em outros casos analisados, nos quais os alunos têm acesso e condições para desenvolver as atividades, tendo como base as leituras realizadas para esta pesquisa, acredita-se que o motivo seja a falta de identificação com os temas trabalhados em aula. Sendo que este motivo pode estar presente também nos casos anteriormente comentados. Nestes casos, analisou-se também que a maioria dos alunos, realizam as atividades propostas na reta final de cada semestre. Desenvolvendo e concluindo, apenas o necessário para garantir a aprovação para a próxima etapa.

Sendo este, um dos diversos pontos falhos dentro da educação em modo remoto, a amenização exagerada nas cobranças por parte, principalmente dos órgãos responsáveis pela educação, eliminando e descaracterizando a educação, tornando "fácil" para que estes discentes deixem para depois. Em relação a cobrança sobre esses alunos, a professora nos disse que:

Cabe ao professor encaminhar à Orientadora Educacional da escola, os casos de abandono ou da não realização das atividades pelo aluno. A Orientadora, então, entra em contato com a família. Além disso, durante a pandemia, nós professores também tentamos uma reaproximação com os alunos através das redes sociais. (Professora Anônima, entrevista concedida em Julho de 2021).

A Educação Inclusiva como um caminho para uma educação de qualidade para todos

Partindo de um contexto mais amplo a respeito da EJA, para depois retornar ao corte feito nesta pesquisa, fez-se uma ligação entre a educação inclusiva e sua importância para este núcleo. Tendo em vista que a EJA é formada por alunos que, desde muito cedo em suas vidas, são excluídos da sociedade, assim ficando à sua margem, a educação inclusiva é um direito que possuem. Não apenas como providência político-educativa, mas, principalmente, como prática de fato (CARVALHO, 2005).

Ainda existe uma visão muito presente da EJA como uma forma de “(...) suplência-reparação dos percursos escolares truncados(...)” (ARROYO, 2017. p. 30), e meio para um futuro melhor através da formação escolar básica. Como se o diploma de Ensino Médio pudesse trazer a segurança do trabalho faltante. No entanto, conforme dito por Arroyo (2017):

As altas porcentagens de evadidos da escola e da EJA não estão mostrando que têm consciência de que esse peso do passado sobre sua condição de passageiros teimosos não mudará, e nem com o diploma algum dia o passado será passado e não mais persistente presente? (ARROYO, 2017. p. 37).

Se a educação para o futuro não é o foco destes alunos, eles precisam de uma educação para o presente. Para estes alunos, as aulas devem oportunizar um momento para entenderem-se. Além dos conhecimentos escolares a que têm direito, os discentes da EJA também necessitam conhecer sua própria história, as hierarquias sociais que os colocam no lugar que ocupam, assim como as identidades e valores de trabalhadores que recebem através da família e da classe. Também suas experiências de trabalhos devem ser trazidas e compartilhadas em sala de aula, pois tratam-se de conhecimentos construídos coletivamente por estas pessoas e, portanto, de grande relevância para suas vidas no agora. Também lhes é necessário o estudo sobre as lutas sociais pelos direitos trabalhistas e como estas levaram a conquistas de direitos humanos e políticos (ARROYO, 2017). Logo, todas estas questões devem estar presentes nos currículos. Sobre a importância do estudo para o presente, Arroyo, a partir de uma citação de Santos diz:

Para esses jovens e adultos, o futuro se distancia, se encurta, e o presente se prolonga, se amplia (SANTOS, 2006). Essas vivências do tempo-trabalho- hoje trazem consequências muito sérias para a educação, porque a educação sempre se vinculou a um projeto de futuro, e o passado-presente ficou marginalizado. (ARROYO, 2017. p. 71-72).

Com este novo olhar sobre a educação que a EJA exige, um novo currículo para estes alunos seria uma parte da solução para fazer acontecer a inclusão destes de fato. De acordo com Carvalho, “As escolas inclusivas são escolas para todos, implicando num sistema educacional que reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos.” (CARVALHO, 2005. p. 28).

Quanto às suas necessidades gerais, estas também relacionam-se às suas realidades de trabalhadores. Assim como seus trabalhos incertos, seus horários também o são. Quando se atrasam por conta do transporte público, da sua vida pessoal ou alguma situação inesperada no trabalho, é comum encontrar o portão da escola fechado. Portanto, para que a escola não seja mais uma porta fechada em suas vidas, é preciso que ela entenda e respeite a incerteza dos horários destes estudantes. Os alunos devem ser vistos como vítimas destes atrasos, dessas inseguranças, e não como culpados (ARROYO, 2017).

Voltando para a análise da EJA na EMEF de Pelotas no período pandêmico, a situação complica-se justamente pelo modo de ensino remoto. Se antes já era difícil o envolvimento dos alunos com os estudos, agora ele encontra-se quase extinguido. Como a situação atual é extrema, os pontos falhos intensificam-se. Aqueles que trabalhavam, mas

que perderam o emprego durante a pandemia, ou então aqueles que trabalham, porém que agora encaram o aumento de suas contas todo final do mês, não enxergam-se no conteúdo passado nas aulas. O que lhes é apresentado, não tem aplicação no presente e nem oportuniza a reflexão sobre o que enfrentam todos os dias.

Como forma de aproximá-los das aulas e fazer com que permaneçam estudando, foi realizada a simplificação dos conteúdos e a amenização das exigências anteriores. Porém, será este o melhor caminho? Manter o conteúdo que antes já não lhes chamava a atenção, porém de maneira reduzida acaba sendo uma solução que nada soluciona. O resultado pode ser observado na evasão de alunos e rara devolutiva de atividades escolares deste núcleo.

No entanto, a situação pandêmica é novidade para todos. Assim como os alunos, os professores também tiveram que aprender a utilizar as diferentes tecnologias necessárias que o modo remoto de ensino exige. Portanto, a radicalização que a educação da EJA normalmente implica, devido às particularidades dos estudantes deste núcleo, acaba por exigir ainda mais dos professores do ensino público. Segundo Arroyo,

As escolas públicas e a EJA podem ser experiências educadoras radicais diante da radicalidade formadora que levam os educandos. Podem ser um laboratório para retomar a função educadora, formadora da própria pedagogia. Função perdida no reducionismo da escolarização a processos de aprendizagens avaliáveis. (ARROYO, 2017. p. 44).

Esta visão tão particular do ensino público, que encara a sala de aula como um laboratório, pode ser uma rica ferramenta para se alcançar uma educação de melhor qualidade para os alunos da EJA na presente situação. A partir das ideias de Arroyo, bell hooks e Paulo Freire e Carvalho, percebe-se a necessidade de diálogo com os estudantes.

Para desenvolver as aulas, é importante compreender seus itinerários e lutas diárias, pois suas vivências e necessidades poderão guiar as temáticas com as quais o conteúdo será passado. Dar a devida importância para o que conhecem tornará suas experiências escolares mais atrativas e inclusivas, pois “Parar de estudar não significou parar de se formar, de se humanizar. Não significou parar de pensar, de ler o mundo, de tentar entender-se nas relações sociais, políticas.” (ARROYO, 2017. p. 59), mas sim, uma consequência da desumanização que sofrem desde suas infâncias por pertencerem à classe trabalhadora.

Conclusões

Tendo como objetivo a realização de uma aula mais humana e inclusiva, a arte apresenta-se como uma disciplina potencializadora. Para que isto aconteça, será pertinente a utilização em sala de aula da arte produzida pelos estudantes (quando existente), ou então, daquelas que os interessam. Nestes momentos, o professor poderá perguntar-lhes o que os levou a produzi-las (ou o que os interessa nelas), o porquê de se identificarem com estas produções ou ainda quais reflexões são instigadas quando as produzem ou usufruem delas. Outra forma de alcançar este objetivo seria a proposta de atividades que oportunizassem um impacto mais palpável em suas jornadas diárias. Ambas formas poderiam trazer o estudo para mais perto do seu presente, seja por meio do esclarecimento sobre seu passado, ou quando, a partir deste, os sensibilizasse sobre o que lhes passa. Se, por meio destas provocações/sugestões, o envolvimento dos alunos com as atividades aumentasse, seria possível oportunizar ao aluno uma visão mais ampla e embasada de sua realidade, munindo-o de conhecimento para a luta de seus direitos.

Por fim, com base nas pesquisas bibliográficas e entrevista realizadas, conclui-se que a pandemia de covid-19, assim como no contexto geral da educação, trouxe consequências graves para a EJA da EMEF de Pelotas em questão. No entanto, por mais cansativa que seja a luta por uma educação de qualidade, em consonância com Paulo Freire, devemos lembrar que ensinar exige alegria e esperança (FREIRE, 2019):

Tropeçando na dor humana, nós nos perguntávamos em torno de um sem-número de problemas. Que fazer, enquanto educadores, trabalhando num contexto assim? Há mesmo o que fazer? Como fazer o que fazer? Que precisamos nós, os chamados educadores, saber para viabilizar até mesmo os nossos primeiros encontros com mulheres, homens e crianças cuja humanidade vem sendo negada e traída, cuja existência vem sendo esmagada? (Freire, 2019, p.72).

Os alunos da EJA desta escola sofrem com a falta de acesso à internet e/ou dificuldade na adaptação às novas tecnologias necessárias para as aulas no modo remoto. Além desses empecilhos, há também os recursos precários disponibilizados pela escola, sem verba, no período pandêmico. Desse modo, o conteúdo completo de uma aula deve caber em uma folha A4, com impressão em tons de cinza, para aqueles que necessitam deste material.

Em vista disso, as turmas que já eram pequenas (média de 15 alunos) passam a ter apenas 6 estudantes por turma em algumas etapas. A alta evasão na EJA, que já era um problema recorrente antes da pandemia de Covid-19, teve seus números aumentados em função do contexto atual.

Os alunos que continuam matriculados, raramente participam das aulas realizadas nos grupos da rede social Facebook. Por se tratarem de discentes que precisam de uma atenção maior dos professores para sua permanência na escola, acabaram por distanciar-se por culpa dessa característica mais impessoal das aulas, entre muitos outros motivos.

Por se tratar de um problema anterior ao período pandêmico, entende-se que a escassa participação dos alunos e o abandono dos estudos do momento, possuem parte de suas soluções no passado. É preciso olhar para esses discentes e perceber o que lhes interessa saber. Além dos conhecimentos gerais que têm direito, é necessário o estudo que possibilite a eles entenderem-se (ARROYO, 2017).

Sua história, lutas de classe, produção cultural e de conhecimento são ferramentas necessárias não apenas para o futuro dos discentes, mas principalmente para o presente. A partir delas se sentirão mais pertencentes à escola e preparados para enfrentar suas lutas diárias. Da mesma forma, deve-se ter em conta seus horários incertos, por culpa do trabalho, ou responsabilidades com a família, que levam aos atrasos desses estudantes (ARROYO, 2017). Essas são especificidades da EJA que devem ser levadas em conta na hora do desenvolvimentos de suas aulas e relação da escola com esses alunos, para que assim, aconteça sua inclusão de fato. Conforme Carvalho, “As escolas inclusivas são escolas para todos, implicando num sistema educacional que reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos.” (CARVALHO, 2005. p. 28).

Por fim, a pandemia trouxe outros problemas, além da crise educacional, para a vida dos alunos da EJA. O desemprego, a perda de parentes ou complicações em sua própria saúde e instabilidade emocional são só alguns exemplos do que os atinge e afeta suas vidas e estudos. Dos professores é exigido que, além de lidar com as mudanças em suas próprias vidas e novas aprendizagens necessárias, por conta da pandemia de Covid-19, continuem tendo paciência e sensibilidade para que os momentos de estudo sejam cheios de sentido e acolhimento para os alunos.

Referências Bibliográficas

Livros

ARROYO, M.G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA : itinerários pelo direito a uma vida justa.** Petrópolis, RJ : Vozes, 2017. Edição digital.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva. Com os pingos nos “is”.** 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2005

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2019. 53ª ed.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

Entrevistas concedidas

Professora Anônima da Educação para Jovens e Adultos. Entrevista concedida. Pelotas, Brasil, Julho de 2021.